

Docência, Sacerdócio e Devir

Frederico Manica

Ensinar não é depositar verdades.

É acender travessias.

O Devir remete ao processo, à transformação contínua, ao movimento vital. É a potência de não ser estático, mas de estar sempre em trânsito, em expansão, abrindo-se ao possível. O Devir não se curva a formas rígidas: reinventa-se no encontro com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Não se limita ao já dado — é abertura para o novo, para o inédito, para a criação. Gênese. Gênios.

O sacerdócio carrega a ideia de uma função instituída, investida de autoridade e ritualidade. Mesmo que possa ser vivido como entrega e vocação, ele está ligado a uma estrutura, a um corpo de normas, a uma tradição que confere poder e legitimação. É, em certo sentido, a formalização de uma prática em nome de um valor superior. Mas essa institucionalização pode cegar: e então surgem mantras que pretendem justificar meios obscuros em nome de fins supostamente nobres — validando guerras, violências, tiranias e crimes.

Quando falamos de docência como serviço à humanidade, o risco está em confundir seu caráter de Devir — movimento que se reinventa, que educa para a autonomia, que abre horizontes, que acolhe, que inclui, que integra — com um exercício de sacerdócio dogmático, em que o professor se torna guardião de verdades imutáveis. A educação, quando convertida em dogma, deixa de ser libertadora e passa a ser mecanismo de controle e reprodução de hegemonias.

A docência efetiva não pode se reduzir a pregação. Ela deve ser tecnologia de libertação: prática que instiga o pensamento crítico, que promove a dúvida, que acolhe a diversidade de trajetórias e sentidos existenciais. O educador não é sacerdote de certezas, mas companheiro no caminho do conhecimento. Sua tarefa não é formar seguidores, mas fomentar consciências capazes de criar, resistir e transformar.

Dogmatizada, a educação se cristaliza em instrumento de dominação. Vivida como Devir, torna-se ato político de libertação: reconhece no humano não apenas um ser de adaptação, mas um ser de projeto — capaz de criar um sentido existencial ao mesmo tempo singular e coletivo.

O professor que se faz sacerdote ergue muros.

O que se faz Devir constrói pontes que abrem horizontes.

Docência, Sacerdócio e Devir (verso)

Ensinar não é transferir verdades.
É acender travessias.

Devir é fluxo.
Processo.
Movimento vital.
É o corpo em trânsito.
A mente em expansão.
A alma aberta ao possível.

Devir não se curva a formas rígidas.
Não se dobra ao já dado.
Devir é gênese.
Devir é gênio.

O sacerdócio, ao contrário, veste-se de autoridade.
Rege ritos.
Ergue altares.
Constrói poder na tradição.
E, cego de si, cria mantras que justificam fins obscuros:
guerras, violências, tiranias, crimes.

A docência não nasceu para ser dogma.
Nasceu para ser libertação.
Se confundida com sacerdócio, petrifica-se em dominação.
Mas se respira como Devir, abre horizontes,
acolhe, integra, emancipa.

O verdadeiro educador não é pregador de certezas.
É companheiro de caminhos.
Não planta discípulos.
Cultiva consciências: criando, resistindo, transformando.

Educação dogmatizada é muro.
Educação em Devir é ponte —
e toda ponte, ao se lançar sobre o abismo,
não aprisiona: revela.

O professor-sacerdote ergue muros.
O professor-Devir abre horizontes.

E diante de horizontes,
o ser se descobre verbo:
criança, cria, criar, criação.